

Sussurro*

Mauro Rubens

Um internado num manicômio é,
ao menos, alguém,
Eu sou um internado num
manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com
sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...
Álvaro de Campos

– Acende. Vai.

–NÃO.

–Você não aguenta mais esse choro.

–Não.

–Vai. Risca o fósforo.

–nã

–Deixa de ser covarde. Você já jogou o querosene. Vai stronzo.

–Ahhhh.

Tshhhhh.

E fez-se a luz. O berço em chamas, o choro mais alto e logo vieram acudir. Queimou um pouco as pernas do bebê Nino, mas a berraria dos familiares era muito pior que qualquer dor. Bebê nos braços da mãe e berço com o fogo apagado, todos se voltaram para Miguel, de cócoras num canto, ao lado de seu bandoneon, com os olhos arregalados e tapando os ouvidos. Por quê? Por quê? Atrapalhava o estudo, a música e doía no ouvido demais aquele choro, nem disse, só se encolheu mais e fechou os olhos na tentativa de apagar o mundo. Não conseguiu. Ma che cazzo, se estampava nas faces e mãos dos familiares que ele não via, mas ainda ouvia aquela voz sussurrando:

–Você fez bem. Muito bem, porca miseria.

Correram com o bebê para o hospital e o próprio médico ligou para que, do manicômio do Juquery, fossem buscá-lo. Já tinha dado um bofetão em uma irmã menor, que a jogou do outro lado da sala, porque ela mexeu em seu bandoneon. Trancado em seu quarto, estava tocando quando a ambulância chegou. Três enfermeiros bem fortes entraram para imobilizá-lo, vestir nele

a camisa de força e prendê-lo bem na maca, que puseram na ambulância. Chegou ao Juquery, lhe deram uma injeção e o colocaram preso a cama por correias de couro nos pulsos e tornozelos. Nesse quarto ficou recebendo medicações e lá dormiu por vários dias. Pioneiros neurolépticos tinham colocado o eletrochoque e a lobotomia fora de moda. Ainda bem. Enfim, calminho e meio abobalhado, o levaram para conversar com o psiquiatra de plantão.

–Então, Miguel, quantos anos você tem?

–Ahn! Vinte e um.

–Desde quando está no Brasil?

–Cheguei aqui em 1935 com 3 anos. Nasci na Itália Michele, aqui me tornei Miguel.

–Fale mais da sua chegada.

–Minha mãe morreu de tifo, meu pai se viu com quatro filhos para criar; uma comadre, que estava no Brasil, disse que tinha a Rosinella precisando casar, ele nos trouxe para cá, casou-se com ela e teve mais quatro filhos. Papai era sapateiro de dia e de noite tocava acordeom nas cantinas do Brás. Ensinou-me a tocar bandoneon, eu já estava tocando com ele desde os dezesseis e ajudando na sapataria desde os doze. Logo ele vem me buscar.

–E como era seu relacionamento com sua madrasta Rosinella?

–Psiu, ei, não fale com ele, não passa de um rompicoglioni.

–Não?

–Claro que não, bestia.

– Não o quê? Diz o psiquiatra, e quando Miguel começa a chorar ele anota: labilidade emocional. Pergunta se ele ouve vozes e Miguel desaba de vez chorando convulsivamente. Fim da entrevista de anamnese. Ele é levado para um pavilhão, com vidraças cobertas por grades por dentro e por fora, e colocado numa das 15 camas do lado direito. Logo adormece, menos impregnado e sem as correias, sonha que está tocando seu bandoneon, se aquece em escadas cromáticas e salta para “Lamento di Federico“ da ópera L'Arlesiana de Francesco Cilea, acompanhando o tenor que canta:

È la solita storia del pastore...
Il povero ragazzo voleva raccontarla
E s'addormì.
C'è nel sonno l'oblio.
Come l'invidia!
Anch'io vorrei dormir così,
nel sonno almen l'oblio trovar!
La pace sol cercando io vo'.
Vorrei poter tutto scordar!
Ma ogni sforzo è vano.
Davanti ho sempre
di lei il dolce semblante.
La pace tolta è solo a me.
Perché degg'io tanto penar?
Lei! Sempre lei mi parla al cor!
Fatale vision, mi lascia!
Mi fai tanto male! Ahimè!

É a mesma história do pastor...
O pobre rapaz queria contá-la
e adormeceu.
Há no sono o esquecimento.
Como o invejo!
Eu também queria dormir assim,
no sono, ao menos, o esquecimento encontrar!
A paz somente buscando eu vou.
Queria poder tudo esquecer!
Mas cada esforço é vão.
Na minha frente tenho sempre,
dela, o doce semblante.
A paz é tirada somente de mim.
Por que devo tanto penar?
Ela! Sempre ela, me fala ao coração!
Me deixe, visão fatal.
Me faz tanto mal! Aí de mim!

Quando ia sonhar outra música, acordou com o sujeito da cama ao lado tirando sua meia.

Tomou-a de volta, assim como seus sapatos, que já estavam debaixo da cama do outro. Não houve reação. Olhou bem para o rosto amedrontado dele, que era muito esquisito, grotesco até, e resolveu sair dali. Lá fora, uma manhã nublada cobria tristemente a multidão que caminhava por ali a esmo. Alguns nus, outros falando sozinhos, uns gritando, outros chorando, alguns abraçados a outros como que se protegendo de si mesmos e outros acorados buscando fugir para seu próprio umbigo. Os vestidos, em roupas sujas ou esfarrapadas. Os nus, como se estivessem em roupa de gala. Todos descalços ou em pobres sandálias. Parecia um pesadelo.

–Você precisa sair daqui. Esse não é lugar pra você, figlio di puttana.

–SIM. Sim. Meu pai vem me buscar.

–Não. Você não pode esperar, porca troia.

Chegou a hora do almoço, os atendentes encaminhavam os internos para o refeitório e organizavam uma fila, que mais parecia uma minhoca em chamas se retorcendo. A impregnação pelos remédios tem o péssimo efeito colateral de atrapalhar o controle da musculatura, a pessoa na frente de Miguel tropeçava nos próprios pés e a de trás se arrastava e babava. A cozinha cheirava à banha de porco, e na comida tudo tinha sabor de coentro. O barulho, que no pátio era grande, ali era infernal, e se acrescentavam ao das gentes: o dos fogões, panelas, pratos, talheres e cadeiras. Ouvido absoluto recheado com doença mental: um prato difícil de engolir.

A tarde não prometia nada muito melhor. Encaminhado para a laborterapia, se viu com outros 10 internos trabalhando na horta, divididos em duplas e aos cuidados de dois atendentes. Fez dupla com aquele seu vizinho de cama, João, que tentou roubar suas meias e sapatos. Num momento em que o atendente se distanciou João levantou a enxada e parando-a no alto falou:

–Ajoelha e reza. Chegou a sua hora.

–Que nada, não tenha medo. É um blefe deste João di merda.

O tempo caminhava lento, velhinho, velhinho.

–Cazzo, ele não vai fazer nada. Você quer ser escravo dele?

João subiu mais a enxada. Miguel nem piscou. João abaixou a enxada com um sorriso amarelo na sua estranha cara de lua.

A noite, quando as janelas do pavilhão se fecham e as últimas luzes se apagam, os sons se misturam: o pio da coruja com um ranger de dentes, os grilos com os gemidos sufocados nas fronhas puídas da solidão, o coaxar dos sapos com o sexo escondido ou a curra de alguém. Mais o nhec nhec de camas e molas, janelas batendo, coisas estalando, barulhos de gatos no telhado e de ratos por todo lado. Apesar dos remédios, Miguel demorou a dormir nos primeiros dias, mas foi se acostumando ao teatro de horrores. Refugiava-se na contagem dos dias e horas que faltavam para sua primeira visita, quando seria retirado dali por Giuseppe, seu pai, e nos momentos em que podia sonhar, nos quais estava sempre tocando seu bandoneon.

Um domingo de sol, no frio fim do outono trouxe o dia de visitas. Conforme os visitantes

iam chegando, sentia-se a aura de contentamento, proporcional a de tristeza, sobre os grupos dos que recebiam ou não visitas. Os familiares de Miguel demoravam a chegar. Ele olhava o portão com um desespero e desesperança cada vez maior a cada minuto. Uma hora do início da visita havia se passado, quando, enfim, a calva de Giuseppe e seus olhos azuis brilharam entre as grades do portão, para alegria de Miguel. Trazia consigo numa mão Luíza, sua meia-irmã mais nova, aquela que recebeu um bofetão por mexer em seu bandoneon, e na outra mão um saco grande. Se abraçaram os três e sentaram na mesa de Miguel, que começou a falar:

–Como está o Nino?

–Está bem melhor, o médico disse que nem haverá marcas da queimadura.

–Que bom. E o senhor vai me levar embora daqui hoje, né?

–Trouxe uma boa comida para nós. Espera um pouco que vou esquentar na espiriteira.

–Mas, pai, eu não vou fazer nada com o Nino, nem com a Luíza, nem com ninguém.

–Estão todos com medo de você Miguel.

–Mas, pai.

–Vamos comer agora, depois falamos disso. Ah, trouxe umas roupas e um cobertor para você.

–Mas, pai.

–Vaffanculo. Você tem que fugir. Eu sabia. Esquece sua família.

–NÃO.

Miguel não falou mais palavra, não respondia a nada e nem a ninguém, murchou completamente. Luíza abraçou o meio-irmão, que não estava mais lá. Pai e filha almoçaram tristes e Miguel, que nem tocou na comida, nada mais sentia. Despediram-se dele, que continuou impassível. Deixaram lá a sacola com roupas e comida, logo outros internos dividiram tudo entre si. Miguel não se moveu da cadeira e foi levado para cama pelo atendente, quando já anoitecia e estava bastante frio.

As visitas se espaçaram cada vez mais e Miguel continuou emudecido. Na última ele tinha sido transferido para o pavilhão dos tuberculosos. Não puderam vê-lo e, vinte dias depois, receberam o telegrama com a notícia de sua morte. Enfim chegou a hora dele. No seu enterro quem mais chorou foi Luíza. E, enquanto o caixão descia, ela ouviu:

–Foi sua culpa. Eu falei pra você não mexer no bandoneon dele, ragazzina di merda.

– **NÃÃÃÃO.**

*Conto publicado na coletânea “Alguma Objeção”, organizada por Marcelino Freire durante curso realizado por ele no Clube Literário Hussardos de Vanderley Mendonça, que editou o livro.